

4

LYRAS PATRIOTICAS

AOS QUATRO SEGUINTES PERSONAGENS:

SUA EXCELLENCIA

O BISPO DO PORTO,

PATRIARCA ELEITO:

SUA EXCELLENCIA

O LORD WELLINGTON:

GENERAL SILVEIRA:

GENERAL TRANT:

CONSAGRADAS A NAÇÃO

PELO

PADRE MESTRE

FR. ANTONIO DE MOZELLOS COSTA,

INDIGNO ALUMNO DA REAL PROVINCIA DA SOLEDADE.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1811.

Com Licença.



3197

LYRAS PATRIOTICAS

LOS CUATRO SEÑORES MEMBROS

SEA EXCELENTIA

O RISPONDO POR TO

PATRIAS VARIAS

SEA EXCELENTIA

O LORD WELLINGTON

GENERAL SILVEIRA

GENERAL TRANT

CONSEJEROS Y MAGOS

Y LOS

Y LOS SEÑORES

Y LOS SEÑORES DE MONTELOS COSTA

Y LOS SEÑORES DE MONTELOS DE MONTELOS



LISBOA

NA IMPRESSA REGIA, ANO 1811

Com. Imp.

DEDICATORIA.

MINHA PÁTRIA!

SE a Obra que eu ousou apresentar-te toca no fim que se propõe , eu ficarei não pouco ufano de minha propria empreza : ella tende a significar ao Universo os sentimentos que me animão , (e se assim o posso dizer) me transportão pelos Heroicos Defensores de minha Patria ; e a gravar , além disto , no coração dos Povos , mediante Versos humildes , e geneaes , o respeito , e gratidão , que devem todos fazer respirar por cada canto do Reino em honra , e em perpetuo Elogio de nossos Illustres Libertadores. Conheço o quanto mal desempenho meu Assumpto : mas se por este principio , com justiça , minha Obra reclamará desdenhadores , ao menos pelo de zeloso por tudo o que he gloria , e ventura da Nação , ella conseguirá apaixonados. Esses mesmos felizes Engenhos , de que he tão fertil , graças aos Ceos ! nosso amado clima , vendo a Patria tão benigna para os trabalhos Litterarios de seus Filhos , que até em meus Versos põe os olhos ; despertarão da natural timidez , que n'hum seculo de crítica tão traves-

sa os desanima de apparecer; e pintando então os meus Heroes com este desenho correcto, e acabado, que nada deixa a desejar, offerecerão á Nação huma offerta digna della, e digna delles.

Me...

A SUA EXCELENCIA
O BISPO DO PORTO,

PATRIARCA ELEITO, E HUM DOS GOVERNADORES
DESTES REINOS.

LYRA PATRIOTICA.

Em virtude do Assumpto, que cantaste.....

Ainda hade escutar-te,

Se he possivel, do mundo a quinta Parte.

Mat. Tom. III. p. 159.

LYRA I.

S Entido, Lyra, vais cantar o Astro;
Cantar o centro da Gloria Lusa;
Cantar do Porto o Bispo, o grande Castro:
Oh Lyra, afina! Vê que fazes, Musa!
Tu sóbes mais do que os estrellados
Ceos, que brilhão a par de Estrellas tantas:
Abranges tudo; e só n'um Bispo cantas
Patria, Leis, Exercitos, Soldados.

Graças, graças, minha Lyra!
A teu Assumpto mil graças:
A quem a Patria salvou
D'hum diluvio de desgraças.

II.

Tu cantas esse a cujo Nome rangem
 De raiva Monstros, negros Jacobinos:
 Cantas feitos, que Terra, e Mar abrangem,
 De eterna Prosa, ou Verso sempre dinos:
 Tu cantas hum Exemplo sem exemplos;
 Em Campo hum Bispo; em menos de tres annos
 Salvar a Patria, o Rei, as Leis, os Templos.

Graças, Lyra, a teu Sugeito!
 A teu Assumpto mil vivas!
 A quem livrou d'entre os ferros
 As gentes Lusas captivas.

III.

Tumultos tristes, vil, infame lingua!
 Inda dizes que forão obra d'elle?
 Silencio!... que foi do que Homens, Féras
 A's vezes deixa ser: ralha com elle;
 Suou por dar-lhes córte em varios modos;
 O Ceo não quiz: não sabe o Ceo seu fim?
 Ah! cala-te; que ás vezes pune assim
 Occultos crimes para bem de todos.

Não desmaies, Lyra minha,
 Ao tragar este Calis:
 Que foi nest' Horto de penas,
 Que se remio Portucalis....

IV.

Não ha sem Nuvem, não gloria humana:
 O Heroe só se mede pelo que intenta;
 Quem d'outro modo sua fama damna,

Hum novo homem, novo Mundo inventa:
 Canta pois, ó Musa! os altos Feitos
 D'Heroe Castro em mil leaes accentos:
 Não meças Versos; s' creve sentimentos,
 Que devem occupar os Lusos peitos.

Eis Assumpto, que debes
 Cantar, Musa, bem, ou mal;
 De Castro para gloria,
 E de todo o Portugal.

V.

A Patria se abatia a enorme peso
 D'Armas, Leis, insultos de Tyrannos:
 Fugira meu bom Rei por não ser preso,
 Qual aquelle de incautos Castelhanos:
 Falsidade, Traição, por mãos malinas
 Grilhões deitára á nobre Lusa Terra:
 Então hum Castro surge; grita á guerra!
 Temos Patria; de novo reinão Quinas.

Tal Assumpto, Lyra minha,
 Canta mais de humna vez:
 Se bom Poeta não for,
 Serei lizo Portuguez.

VI.

As Leis pelos Monstros ultrajadas
 Da Moral, da Razão, da Natureza,
 De novo são a Lusos intimadas,
 Nova gloria surge Portugueza:
 Antiga s' tirpe d'inclita Bragança
 D'hum Monstro perseguida sem remorso,

De novo reina : não , não teme o Corso ;
Alistão-se Soldados , trema França .

Que gloria , Musa minha ,
Em tal Heroe de cantares !
Ah , vivas tu Salvador
Deste Reino , de meus lares !

VII.

Q' enxames de guerreira Mocidade ,
A quem nem Corso já , nem França aterra ;
A's Armas vão correndo ! té o Frade
No Pulpito , ou Campo , grita , berra :
Ah não temamos ! (dizem) não temamos .
Do Corso ardís ; de França stratagemas :
Quebreiros ferros ; rompão-se as algemas ;
Manda Castro ; manda a Patria , vamos .

Canta Lyra ! não cances
A despeito da inveja :
Retumbem sempre teus sons
N' huma corda só , que seja .

VIII.

Dos écos d' Oradores desdenhando ,
Ouvi Traidores , sedentos de Francezes ;
Mas hum Castro mandando , nós orando
Colhemos Palmas , somos Portuguezes :
Querião não ralhassemos dos Démos !
Senão com muito modo , geito , e arte :
Que o Povo respeitasse hum Bonaparte
Hum Infames ! nós bem vos entendemos .

Tambem Castro , Lyra minha ,
Tambem Castro os entendeo ;
Mas fingindo não ouvia ,
Manobrou , punio , venceo .

IX.

Mais cousas, que palavras; mais doçura,
 Eis a estrada, (dizião) d' Oradores;
 E inda hoje o dizem com frescura,
 Certos Mestres; certos meus Senhores:
 Mentem Mestres taes em quanto a mim;
 He frase dura! bem sei; mas não duvido,
 Qualquer entenda quanto aqui decido,
 Se a minha Nota ler, que vai no fim. (N)

Mas não percas, minha Lyra,
 De teu som o Norte, e Astro;
 Volve a Assumpto, que tomaste,
 Canta, canta o grande Castro.

X.

Não foi o que mandou, que em fim se armasse
 Contra o Monstro té o mesmo Clero?
 O que mandou, que tudo caminhasse
 A encontrar sem medo Loyson féro?
 Não sei a causa; sei que s'tremecendo
 Maneta á voz de Castro, fica mudo:
 Até de Frades foge, teme tudo,
 O Porto vence, e livre fica sendo.

Musa! d'ora em diante
 Só diz isto = Viva Castro!
 Do meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XI.

Armado o Clero d' hum pesar profundo,
 Gemêrão, eu não sei que, Canonistas;

Como se os que são a luz do mundo
 Só ter não devão para a Patria vistas:
 Suspende-te mordaz! Vê bem que ensinas;
 Põe Leis Igreja; tira-as, e socega;
 Quem nega que isto possa, Igreja nega;
 Confunde Leis humanas com Divinas.

Viva, viva Lyra minha,
 Em meus Versos, viva Castro!
 Do meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XII.

Não foi o que primeiro ao Gram Thamisa
 Mandou dizer = Existem Lusitanos?
 Que sempre a honra, dos Lusos a Diviza,
 As Leis desdenhava dos Tyrannos?
 Não foi o que enviando Portuguezes
 Ao Grande JORGE Rei, auxilio pede?
 A cuja voz Bretanha os Mares mede!
 Chega, vence; a Deos lá vão Francezes!

Viva, viva Lyra minha,
 Em meus Versos, viva Castro!
 De meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XIII.

Não foi o que ordenou Falanges novas:
 De Lusa gente, em graça de Lisboa?
 Quem o soldo levantando lhes deo provas.
 Do quanto ama quem pela Patria trôa?
 Se foste salva Lysia! a elle o deves:
 Deo-te o Porto a mão, tu dá-lhe o braço;

Sê grata! recosta em teu regaço
Quem livre te tornou em dias breves.

Viva, viva Lyra minha,
Em meus Versos, viva Castro!
Do meu Rei o vingador,
Da gloria Lusa o Astro.

XIV.

Sei que em Lysio seio os Jacobinos
De raiva se sentirão palpitantes,
Por verem, que baldados seus destinos,
Ficamos Portuguezes como d'antes:
Porém que cantos mil almas sublimes
Aos ares não mandarão em Canções!
Viva Castro! disserão, que os grilhões
Nos quebrou da Nação de roubo, e crimes.

Viva, viva Lyra minha,
Em meus Versos, viva Castro!
Do meu Rei o vingador,
Da gloria Lusa o Astro.

XV.

Quem a Patria! mui antes de chamado
Ao Throno, onde habita nesta hora,
Novo Erario havia já creado
Em graça de huma Tropa vencedora!
Da Justiça sempre a par, a par da Lei,
Não venceo da Europa o vil Espectro?
A Patria não salvou, o Reino, o Sceptro?
Não temos já por elle Patria, e Rei?

Viva, viva Lyra minha,
Em meus Versos, viva Castro!
Do meu Rei o vingador,
Da gloria Lusa o Astro.

XVI.

Não foi elle, que chegando á Capital,
 (A despeito de genios intrigantes)
 Unido a grandes Homens, todo o mal
 Constante remedeia em dous instantes?
 Qual Plotronco atrepadora hera,
 Enlaçado com Homens de Sciencias;
 Que novas Leis! Que novas providencias
 Não tornão Portugal ao que antes era!

Viva, viva Lyra minha,
 Em meus Versos, viva Castro!
 Do meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XVII.

Mas se tanto té agora podem Castros,
 Em tempos enredados de mil cousas:
 Que não fará unido a novos Astros,
 S'tuartes, e Ricardos, Condes, Sousas!
 Regentes, exultai! Vós sois aquelles,
 Que á Patria dais victorias mil a mil;
 Agradeço-vos por mim: tu Corso vil,
 Vós Gallos, finalmente, temei delles.

Viva, viva Lyra minha,
 Em meus Versos, viva Castro!
 De meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XVIII.

Stuartes, sim; Ricardos, Condes, Sousas,
 De Castro em torno; ouvido Wellesley;

Que cousas, Summo Deos! que grandes cousas
 Não farão pela Patria, Reino, e Rei!
 Se o Por-vir convem com já obrados
 Successos por hum Castro, e Socios seus;
 Não temas Lysia! Conta com Trofeos;
 Não temas Patria! S' tamos libertados.

Viva, viva Lyra minha;
 Em meus Versos, viva Castro!
 De meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XIX.

Oh! Se os Manes desse Heroe, que outr' ora
 Vio Galliza em Corunha em fim espirar;
 O gosto vissem, com que já se arvora
 Estandarte Anglo-Luso em Terra, e Mar,
 Que não dirias, Heroe da Gram-Bretanha,
 Moore dino da luz d'eterno dia?
 Teu pó mesmo surgindo, bastaria
 Para a Castro dar gloria, vida á Hespanha.

Viva, viva Lyra minha,
 Em meus Versos, viva Castro!
 De meu Rei o vingador,
 Da gloria Lusa o Astro.

XX.

E tu, ó Gram-Bretanha, de mãos dadas
 Com minha Patria, Castro, e com Bragança;
 Envia Chéfes, manda mil Brigadas
 A Lares meus, até que acabe a França:
 Vossas, nossas ressoem as façanhas;
 Que serem tuas, JORGE, he serem nossas;

Brilhem JORGE, Brazil, Palacios, Choças
D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas.

Viva, viva Lyra minha,
Em meus Versos, viva Castro!
De meu Rei o vingador,
Da gloria Lusa o Astro.

XXI.

Então de Castro a gloria, qual não teve
Mortal algum, eu espero seja hum dia:
Será de quem no perigo em fim susteve
Immenso peso de huma Monarquia:
Será d'onde modêlos inda rome
Europa escravizada....mais não digo;
Não toques mais, ó Lyra, não prosigo;
De Castro, para gloria, basta o Nome.

Viva, viva Lyra minha,
Em meus Versos, viva Castro!
De meu Rei o vingador,
Da gloria Lusa o Astro.

Mz....

EM HONRA DO IMMORTAL WELLESLEY.
 LYRA PATRIOTICA.

Ficão graves trabalhos sendo leves
 Se as glorias vês que o Ceo te representa;
 Quando teu Nome illustre a partes leves
 Que outro Ceo cobre, que outro Sol aqueça...

Segue o que a Sorte, e Fado te offerece,
 Que o Ceo sempre os ousados favorece.

Ulissea. Cant. 2. Est. 95.

LYRA I.

SE em Terra não ha Numen, que invoquemos
 Para Lord cantar, oh minha Lyra!
 Voemos desde já; ao Ceo subamos,
 Que pio ouve o mundo, a mente inspira:
 Soprados d'alto estro da verdade;
 (E a pesar do Farnação)
 Formemos, Lyra, huma Canção,
 Que de JORGE eternize a lealdade.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

II.

Cantemos o Heroe, que á voz do Rei,
 Que sabe guardar fé, e gastar oiro,
 Os grossos Mares dobra, e salva Amigos
 Do coice marcial do Corso Toiro:
 De louvores cantemos hum enxame
 Ao Lord, que guerreiro
 Chega, troa no Vimeiro;
 Lá vai França, lá vai o Corso infame.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

III.

Cantemos o Heroe, que sobre os Gallos,
 Pelloiros despedindo d'entre as Linhas
 Da Gram Lisboa, assusta vís Francezes,
 E torna-os de Gallos em gallinhas:
 Lá esse, a quem chamou Napolitano
 Das victorias o Anjo,
 Que diga já, se marmanjo
 Ficou, ou não, á vista do Britano.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou guerra.

IV.

Ah! nunca o teu genio marcial
 Estorve, Lord, discordia Castelhana;

Verão os Pyreneos huma gloria,
 Que terá d'exceder gloria humana:
 Verão o que nas guerras sempre illéo
 Ficou no traidor Norte;
 Ou, em fim, soffrer a morte,
 Ou nas suas gargantas ficar preso.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

V.

Aprende, aprende, Hespanha desgraçada,
 Que cousa he Soldados estar sujeitos,
 A Chefes d'alta monta, e cuja voz
 Os faz a golpes mil prestar seus peitos:
 Aprende quanto são bem regulados
 Exercitos dos Lusos;
 Vê bem se os vês difusos,
 E á face do imigo debandados?

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

VI.

Atrás não voltão peitos Lusitanos
 A's ordens d'hum Wellington famoso;
 Mais facil he quebrar do mundo o eixo,
 Que o Luso com tal Chefe ser medroso:
 Ah, toma tal lição amiga Hespanha!

Nem penses que te acurvas:
D'hum diluvio d'agoas turvas
Só pôde libertar-te a Gram-Bretanha.

Graças, graças aos Ceos!
E depois á Inglaterra,
Que só ella pôde dar
Ao mundo Paz, ou Guerra.

VII.

Valor de Marte inculcas, es valente,
Ninguém to nega, Hyberia, o mundo o entoa:
Es Marcial; porém, por bem da Patria,
A Londres pede Chefes, baixa a proa:
Não murchas com tal passo o Nome teu,
Nem teu genio profundo,
Esta he ordem do mundo:
Hoje tu, ó Gram-Bretanha, á manhã eu.

Graças, graças aos Ceos!
E depois á Inglaterra,
Que só ella pôde dar
Ao mundo Paz, ou Guerra.

VIII.

Se hum Godoy não esbulhasse teu Imperio
Do que desse Carlos foi, que já não he:
Se o Genro do teu Rei attenta ouvisses,
Que gritar-te pôde tanto em boa fé,
Só por ti, ó riquissima Hespanha,
Bem te podias salvar:
Precisas hoje do Mar,
Não hesites, convem com Gram-Bretanha.

Graças, graças aos Ceos!
E depois á Inglaterra,
Que só ella pôde dar
Ao mundo Paz, ou Guerra.

IX.

Requerem meios os fins; he ter juizo,
 Buscallos aptos (grita o mundo todo);
 Existão fóra, ou dentro pouco importa;
 A gloria he vencer em qualquer modo:
 He questão ter victoria,
 De resto he historia;
 Bretões mandem, ou mandem Castelhanos....

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

X.

Mas dando á triste Hyberia modo certo
 De a Gallos levar medo, susto, espanto,
 Esquecendo, ó Lusos! hia o meu Heroe,
 O Lord audaz a quem consagro o Canto:
 Volve, ó Musa minha, á Patria Lusa;
 A meus Lares te move:
 Canta, canta este Jove,
 Que raios vibra em França, e a põe confusa.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XI.

O alto canta feito em Celorico,
 Que pôde s'paventar Massena altivo,
 Como atraz voltando temeo ver-se

Dos Lusos preza, dos Bretões captivo:
 Como logo cahindo á força armada
 Sobre as Serras do Bussaco,
 Dançou então, qual Macaco,
 Lá pelo monte abaixo de pancada.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XII.

Canta como astuto flanqueando,
 Lá sobre aberta estrada do Sardão;
 Vê logo retirar-se a gente Lusa
 Sem o minimo ceitil de confusão:
 Do Lord como hum fino movimento
 Logo fez que vacilasse
 Massena audaz, e que ficasse
 Bem como (ante ripas) hum jumento.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XIII.

Dos fortes de Marengo em postas feitas
 Descanta em Leiria as Avançadas:
 Até ás Linhas Lysias conduzillos
 Por huma das mais mestras retiradas:
 Como lá proximando-se á primeira

Das Linhas , que linda scena !
 Pasma , pasma hum Massena !
 Entalado se vê na ratoeira.

Graças , graças aos Ceos !
 E depois á Inglaterra ,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz , ou Guerra.

XIV.

Conta como atrás voltar não pôde
 Sem ordem desse Bravo , audaz Trant ,
 Que , em menos de oito dias , cahe sobre elles ,
 E cinco mil lhes rapa n' hum instante :
 Como em graça de rica , e Gram Lisboa ,
 Disposto tudo havia
 Hum General que seguia .
 Na guerra só por arte , e não á toa.

Graças , graças aos Ceos !
 E depois á Inglaterra ,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz , ou Guerra.

XV.

Não á toa , sem arte , e sem natura ,
 (Que só Massena obra de tal sorte)
 Em pouco tendo , dêem , ou não os Lusos
 A's suas vís falanges dura morte :
 Do Lord a guerra he guerra meditada :
 Não temas Lusa gente !
 Serás independente
 A' custa de seu mando , sua espada.

Graças , graças aos Ceos !
 E depois á Inglaterra ,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz , ou Guerra.

XVI.

Não vês, Europa cega, como fogem
 Do Luso territorio os taes Ladrões?
 Como já os congela frio medo
 A' frente dos Britanos Esquadrões?
 Vê o valor Luso como assoma
 Aos seus peitos leaes!
 Não dão provas bem reaes
 Do que forão outr'ora contra Roma?

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XVII.

Vimeiro! falla tu, e Douro, e Obidos:
 Falla Talavera, e tu Bussaco;
 Dizei de novo: os pontos vós não sois,
 Que cobrem de vergonha o gram velhaco?
 Ah deixa, Corso infame, deixa a esperança
 D'em fim nos humilhares:
 De resto a milhares,
 Em breve marcharemos sobre França.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XVIII.

E tu guerreiro Lord, em tanta furia
 Vai pondo contra França a Patria minha,

Que cada Gallo, á voz de mil Massenas,
 Pareça a cada Luso huma gallinha:
 Honra o Rei modêlo dos mais Reis,
 Cuja Marinha, e Tropa,
 Bem que te pêze, ó Europa,
 Hade dar-te a Paz, a Guerra, as Leis.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XIX.

Honra JORGE, e honra hum D. JOÃO,
 Que de Europa talvez o Rei segundo;
 Saberá, como JORGE, o Rei primeiro
 A Paz, ou Guerra dar a todo o mundo;
 O Povo Luso honra com lições
 Dessa tactica Divina:
 Levaremos a ruina
 A esse Imperador de mil Ladrões.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XX.

Com Mestre tal ainda Povos Lusos,
 (A' frente de noventa, ou cem mil braços)
 Marchando ao centro d' Austria, ireis vingar
 Tratados de vileza, infames laços:
 Deos te salve Bourbonica Maria!

A par de hum crime horrendo :
 Que não acabes vendendo
 Peccados entre as filhas d'alegria.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXI.

Luiz Dezoito, tua esperança cresça,
 (A' face de successos insperados)
 D' ainda sobre o Throno dos Bourbões
 Leis dares a vassallos rebellados :
 A gloria do crime he passageira ;
 Cahirão sobre teus muros,
 O' París ! flagellos duros,
 Só cinzas restarão, e só poeira.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXII.

Jura-o Gram-Bretanha, isto basta,
 Os votos do Thamisa são eternos ;
 Cumprir-se devem, inda que se movão
 Ceos, e Terra, os Astros, os Infernos :
 Não lutes não, ó Sena ! com Thamisa ;
 Guerra, té que victoria
 C' roe Londres de gloria ;
 He esta de Inglaterra a só diviza.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXIII.

Nem Exercitos vencidos, nem Armadas
 (S'em mar vencella, fosse em fim possivel)
 S' paventão Bretão animo: ávante
 Londres vai, e faz-se mais terrivel:
 Audaz em Terra, e lá no Mar profundo,
 Sem par, a Inglaterra
 Capaz he de fazer guerra
 A mil Françaes em quanto houver mundo.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXIV.

Se morre hum Almirante já mil surgem,
 Não sei de que urna occulta a vistas minhas;
 Sei que os Mares cruzão, fundão, troão,
 Lá vão Chavecos, Armadas, e Marinhas:
 Nunca assás eu em terra os louvarei:
 Quanto prestão, quanto valem
 Dizello podem; que fallem
 Victorias do Heroe Wellesley.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella póde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXV.

Desengana-te pois, Francez ousado!
 Abre os olhos á luz, não sejas cego:

Olha que o porvir te vai trazendo
 A sorte do Romano, Persa, e Grego;
 O chão te espera; vais a dar em terra:
 Não vem longe este dia;
 Sou Propheta; a Profecia
 Em breve vai cumprilla Inglaterra.

Graças, graças aos Ceos!
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXVI.

Não Europa, a dar-lhe não te arrojes
 No alto Mar lições, em Terra Leis,
 Que nunca em cõllo seu porás o jugo,
 Em quanto existirem Wellesleys:
 Respeita Inglaterra, adora-a, teme-a:
 Se o forte Machomina
 Fragil gente femenina,
 Vê que o mar he macho, a terra femea.

Graças, graças aos Ceos,
 E depois á Inglaterra,
 Que só ella pôde dar
 Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXVII.

Assim porão em Cinzas teu Colosso
 Audaz Hanover, junto com Bragança:
 As mãos se derão; que será d'Europa?
 S'paventa-te Universo! treme França!
 S. Jaime a S. Cloud em fim assombra:

Nem triunfos de Tyrannos
São daquelles dos Britanos
Mais do que pequena, e leve sombra.

Graças, graças aos Ceos!
E depois á Inglaterra,
Que só ella pôde dar
Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXVIII.

Amaina, Musa minha, os vãos teus,
Desce dessa altura a que has sobido:
Cantar a Inglaterra, cantar Lord,
No Sol tocares he teres tu querido:
Mas pois que sóbes tanto, Lord, quanto
Minha Musa aqui desce,
Magnanimo agradece
O meu Patriotismo, não meu Canto.

Gracas, graças aos Ceos!
E depois á Inglaterra,
Que só ella pôde dar
Ao mundo Paz, ou Guerra.

XXIX.

E tu, ó Patria! perdoa o ter tocado
Na Lyra que tocar devêra Orfeo:
Se Homeros, e Virgilios curvarião
A Assumpto tal, então que farei eu?
Então que fiz? Perdi meus pensamentos?

Oh não! não temas Musa:
Honrada gente Lusa,
Attende mais, que a Verso, a sentimentos.

Gracas, graças aos Ceos!
E depois á Inglaterra,
Que só ella pôde dar
Ao mundo Paz, ou Guerra!

LYRA PATRIOTICA
AO HEROE SILVEIRA.

LYRA I.

O Utra espada, que não seja a tua,
Muito embora, Silveira, muito embora;
Tirada ou por Lusos, ou Bretões,
Os Monstros ponha fóra.

II.

Embora nos Palacios, onde habita
Sedenta emulação d' heroicos feitos,
Te vedem tal gloria; os Heroes
A tudo estão sугeitos.

III.

A par da fina seda, e do doirado
Tremó, que adorna a sala da moleza,
Não ha juizos rectos: a justiça
Não vive c'o a grandeza.

IV.

Ações pois, que ou Titulos, ou Thronos
Demandem a teu Nome bem que faças;
Serão para muitos nada; não importa,
Hum Heroe bebe desgraças.

V.

Mas se honras, nem Titulos tiveres,
Em premio das acções pela Patria tua,
Terás hum Vate ao menos, que te cante
No Gabinete, e na Rua.

VI.

Sou eu, Silveira amigo; não, não temas,
Que afrouxe minha penna em teus louvores;
Farei que corraão á praia do futuro,
Quaes coches voadores.

VII.

Na boca os porei d'hum Reino inteiro;
Farei que diga a bella formosura:
„ Es tu, Silveira, o Pai que me livraste
„ D'hum mal que não tem cura.

VIII.

Mostrar-te-hei c'o dedo a essa airosa,
Brilhante, séria, lindissima campina,
A quem por sorte coube, á sombra tua,
Escapar á vil ruina.

IX.

Direi á triste velha, ao ancião,
Que d'Amarante além temeo Imigo,
Recorda velho honrado! o braço forte,
Que salvou o teu jazigo.

X.

Direi ao caminhante, que passar
Por Chaves, Tras-os-Montes, Beira, e Minho,
Adora esta terra, que he seu berço;
Do Heroe he doce ninho.

XI.

Farei gravar teu Nome em todo tronco,
Que do tempo escapar á mão tyranna;
Farei que soe, qual o dos Augustos
No Throno, e na choupana.

XII.

Meus Versos não lerá com gosto a lingoa
D'inveja carrancuda, e amarella;
Serei a seus sarcasmos sobranceiro,
Não tenho medo della.

XIII.

Que he Verso sem medida alguns dirão:
Mas destes vis reparos eu me espanto!
Se medida não tem o meu Heróe,
Como pôla em seu Canto?

XIV.

Imagens, sentimentos, e verdade,
Pintadas em tal frase que s'entenda,
No meio d' Hutentotes; eis o Verso,
Que meu Heróe recommenda.

XV.

Nem syllabas, nem pés, nem quanto Horacio
Escreveo por natura, ou por arte,
Dirão do gram Silveira mais do que isto:
"Silveira he Deos Marte."

XVI.

O mesmo digo, Lusos, digo mais:
Silveira excede Gregos, e Romanos;
Excede tudo, pois que só em campo
Assusta a mil Tyrannos.

XVII.

Embora pois seu Busto desdenhado,
Mil émulos lhe insultem a memoria:
Illéo hade sempre conservallo,
Ou Verso, ou Historia.

XVIII.

Qual aquelle da famosa Clorinda,
Que não lembrára já a não ser Tasso;
Soarás nos meus Versos, ó Silveira!
Além do mundo, e espaço.

XIX.

Bem como Gram Petrarcha, terna Laura,
Cantou em seus Versos amorosos;
Em teu louvor, Silveira, eu cantarei
Mil Versos bellicosos.

XX.

Serás em mil futuros proclamado
Da Patria honra, gloria dos humanos;
Então conhecerás que os grandes Feitos
Não morrem com os annos.

XXI.

Bellona, essa Deosa do Vulcão,
Que a terra põe em fogo, arraza o mundo,
Verá em seus Altares celebrado
Silveira, sem segundo.

XXII.

Os pobres Versos meus sem ter cadencia,
Que ingratos corações convença, ou dome,
Terão Virgiliana consonancia
Em graça de teu Nome.

XXIII.

No mesmo baixo Hyssopo se esculpido
Acaso for, ou lá no vil salgueiro,
Dois troncos surgirão, e hum, e outro
Maiores que o pinheiro.

XXIV.

Até sem dura penha, agreste rocha,
Pintado for por mão que tosca seja,
Fará que brilhem rochas, qual o raio,
Lá quando relampeja.

XXV.

A teu Nome farão legal justiça
Penhascos, féras, pedras, duros troncos;
Elementos serão teus Oradores,
A despeito d' homens brancos.

XXVI.

Nem tempo mirrador do tempo mesmo
Teu Nome riscará de taes Padrões;
Ao Nome que espantou Tyrannos mil,
Respeitão Estações.

XXVII.

Não mais, Silveira meu ! não mais ávante
 Meus Versos levo, minha Musa cança:
 Heroe, que Heroes deslumbra, fraca Musa
 Ou tarde, ou nunca alcança.

XXVIII.

Se valesse Thronos mil meu coração,
 Oh Heroe Transmontano ! aqui apostado, =
 De mil Thronos serias tu Soberano,
 E eu vassallo por gosto.

XXIX.

Approvão votos meus honrados Lusos ;
 Aqui to juro, Heroe, Marechal Guerreiro :
 Nem penses deixarás de ser coroado
 Lá no Rio de Janeiro.

XXX.

Ainda, Heroe da Patria, ainda espero
 Que o mais nobre dos Reis, alçando a mão,
 Sobre grato papel te lavre hum premio
 Maior que seu coração.

XXXI.

Ainda ver teus Filhos recostados
 De Gram Carlota, espero, no regaço :
 E no centro de Lysia, dar-te o PRINCIPE
 Hum ternissimo abraço.

XXXII.

Se nisto eu me engano, oh Patria minha !
 Não penses que por ti perdeo seus annos :
 Heroe, he mais Heroe p'lo que merece,
 Que p'los dons dos humanos.

Mz....

AO GENERAL TRANT.
LYRA PATRIOTICA.

LYRA I.

Não tires, minha Lyra, não, não tires
Os doces sons de molleza,
Que em Almas de Cupido namoradas
Forjar sabe a Natureza:
No clarim não assopres das ternuras,
Que efeminão a terra;
Assopra no que já cantou Homero
Grandes Heroes de Guerra.]

Eis a gloria
De Trant dina;
A não poder dar-se-lhe
Huma Divina.

II.

Prepara, grato Porto, a teu Heroe
Rica c'roa de ouro;
Arromba essas Burras, onde guardas
Hum immenso thesouro:
E

Não bastão debeis Gramas, nem Loureiros
 Para a Trant c'roar:
 A Palma, que só póde ornar-lhe a Fronte,
 Milhões te deve custar.

Eis a que he só
 De Trant dina;
 Que dar-lhe não pódes
 Huma Divina.

III.

E tu, Mondego ameno, grato, pára
 De minha Musa ao Canto;
 Verás como enroa seus louvores,
 Se hum Frade póde tanto:
 Tu conheces, ó Coimbra! o seu valor,
 Onde quer que elle esteja,
 Ou ahi, ou sobre o Vouga: deves pois
 Ler meus Versos sem inveja.

Eis a c'roa
 Só delle dina,
 Que dar-lhe não posso
 Huma Divina.

IV.

Conheces bem que he elle o bravo, e fero,
 Que a Gallos dando caça,
 Surprende em Guarnições Marengos mil;
 Chega, bate, despedaça:
 Tu sabes que a Francezes faz a guerra
 Dos 'Tytães, e Tyféos;

E que, se ser podesse, os bateria
A's mesmas Portas dos Céos.

Eis a Canção
Só delle dina,
Bem que merecia
Huma Divina.

V.

Levanta pois, ó Musa! o tom que ergueste:
E da lisonja distante,
Cantando só acções de Heroes, e Guerra,
Elogia o Grande Trant:
A causa tu o pinta; o instrumento
Que (hum caminho bem torto)
Fazendo a l'migos ir correndo,
Os livrou de vir ao Porto.

Eis huma acção
Só de.le dina:
E que mais faria
Huma mão Divina?

VI.

Salvou, Cidade rica, os muros teus
Lá desse iroso Marte,
Que á voz de Brutal Chefe, Ney fogoso,
Mandava em fim queimar-te:
Qual esse, que do raio salvou Thebas,
Coalhando Nome eterno;
Salvou-te, Porto, de veres no teu seio
A imagem do Inferno.

Que honra, e gloria
De Trant dina!
Oh quanto merecia
Huma Divina!

VII.

Mondego iroso! o Doiro te agradece,
 Em gratidão absorto,
 O seres baluarte, que a pár d'elle
 Salvou o rico Porto:
 Ah nunca mais! Coimbra, que es Rainha
 Das Musas, e Minervas,
 Os cavallos inimigos gastar venhão
 Tuas agoas, ou hervas.

Então a gloria
 De Trant dina,
 Será (bem que humana)
 Quasi Divina.

VIII.

E vós, ó Oliveas! O' doces Aves!
 De hum Mondego sereno;
 Erguei os collos vossos, e cabeças
 A meu canto ameno:
 Não corras agoa! tu, ó vento! pára,
 Té que ao ar assome
 O canto meu; vereis o quanto vale
 De Trant só o Nome.

Canção he esta
 De Trant indina;
 Merece Trant
 Huma Divina.

IX.

Do Vouga, ó castas Ninfas! Carregai
 De novo o collo vosso,

Desse ouro massiço, que costuma
 Ornar-vos o pescoço:
 Roubar-vos já não póde Ladrão Callo
 Nem a honra, nem o ouro;
 As Lusas Armas temeo: em fim fugo
 Do Britano Pelouro.

Que honra, e gloria
 De Trant dina!
 Oh se eu pudéra
 Dar-lha Divina!

X.

E tu, ó Villa Nova Portuense!
 Dos mais finos quilates,
 O vinho teu embarca, sem que temas
 Inopinados rebates:
 Teu Nectar manda em tunidos toneis,
 De presente á Inglaterra:
 Brindemos quem nos salva, e nos faz livres,
 Tanto em mar, como em terra.

Em honra de Trant
 Acção tão dina,
 Fazer não reprova
 Huma mão Divina.

XI.

Eu mesmo, vós também Freira, ou Frade,
 Meus ternos coimãos;
 Ao Numen, que por elle nos salvou,
 Levantemos nossas mãos:
 Ah não, (digamos todos) Deos! não deixes,
 (Deos da Terra, e dos Ceos)

Se risquem da memoria Lusitana,
De Trant os trofeos.

He esta a gloria
De Trant dina;
Já que ser não
Póde Divina.

XII.

Nos Lusos Fastos, em fim, o Nome seu
Perdure eternamente:
Não possa annos o tempo, não gastallo
Da memoria da gente:
Exceda o tempo, exceda a duração
D' humanas gerações:
E se ser póde passar á Eternidade,
Passem Lusos corações.

Que dure tal fama
De Trant dina;
Faça por seculos
A Mão Divina.

A Eloquencia he hum talento , e não huma arte :
as regras são pois o freio do genio , que póde extra-
viar-se em demasia , mas não a norma de seus vôos.

Encyclop. Port. Tom. II. pag. 2.

NOTA,

Ou breve reflexão sobre o caracter do verdadeiro Orador.

QUando o Orador, depois de dadas as provas do seu Assumpto, ha convencido o seu ouvinte de huma verdade, que o interessa, ou que pelo menos não póde ser disputada em qualidade de verdade, em vão se lisongea de ser Orador. Este homem requer mais o Academico dissertando; o Geometra fazendo demonstrações; o Filosofo, ou Theologo ensinando; hão sem dúvida feito outro tanto, e não são Oradores. Eis o escolho aonde se despedaça todos os dias mil Pedantes em Oratoria, aliás instruidos por outro lado; e daqui partem as sátiras pertendidas, que fazem sem remorsos, a Oradores, que realmente o são, e que em fim hão de se-lo, bem que lhes pêsse. Que he pois hum Orador? me dirão, = o Orador he aquelle Sabio, que sabe dispôr o jogo, e harmonia da sua própria linguagem (qualquer que seja o Assumpto) que não só deve convencer-nos da verdade d'elle; mas tornar-nos amavel esta mesma verdade, e faze-la passar, para assim o dizermos, ao fundo dos corações. = Aonde não houver em rigor esta altissima qualidade, não ha de certo hum Orador. He talvez por esta razão que d'Alembert define a eloquencia: o talento de fazer passar com rapidez, e com força ao espirito dos outros o proprio sentimento, de que eu estou penetrado. = São pois precisos ao Orador mil raios vivos; mil expressões sublimes; mil pinturas tocantes, e naturaes; mil voltas de genio; e até mil vôos sobranceiros á mesma Arte; porque aos grandes Oradores, em rigor, pouco basta de Arte.